

Catarse

Verso & Prosa

Aila Magalhães - Gilliard Santos
Paulo Barros - Rosa Morena

Aila Magalhães
Gilliard Santos
Paulo Barros
Rosa Morena

Catarse

Verso & Prosa

1ª Edição
São Paulo
2021

 **EDITORA**
VERSEJAR

Copyright © 2021 Aila Magalhães | Gilliard Santos
Paulo Barros | Rosa Morena
Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação,
dos textos ou partes, constitui violação do
direito autoral (lei 5988/73 e lei 9610/98)

Autores: Aila Magalhães
Gilliard Santos
Paulo Barros
Rosa Morena

Revisão: Autores

Diagramação: Aila Magalhães | Adriano Ferreira

Arte capa: Aila Magalhães

Edição: Adriano Ferreira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

C357

Catarse: Verso e Prosa / Aila Magalhães, Gilliard Santos,
Paulo Barros, Rosa Morena
-- 1ª. Ed. -- São Paulo, 2021, 82 p. (poemas)
Editora Versejar

ISBN: 978-65-86793-55-0

1. Literatura Brasileira
2. Poesia

CDD.869.91

Índice Para Catálogo Sistemático

1. Literatura Brasileira
2. Poesia

Editora Versejar

Editor: Adriano Ferreira

CNPJ 22.912.053/0001-11

São Paulo – SP - Brasil



www.editoraversejar.com
www.livrariaversejar.com.br



Apresentação

Catarse é palavra repleta de significantes. Seu sentido nos sinaliza processos dos quais derivam algum tipo de modificação, seja excluindo, seja acrescentando elementos a determinada situação, transformando-a. É fato que sociedades e indivíduos da atualidade vivem essas mudanças de maneira muito mais aguda. As novas tecnologias não apenas possibilitam, mas incentivam esse comportamento mutante nos mais diversos campos de atuação humana.

Quem poderia imaginar, ao longo da década de 60, por exemplo, a capacidade de armazenamento de um chip telefônico ou a revolução proporcionada pela internet?

Sem dúvida, as sociedades mudaram, os indivíduos mudaram, os relacionamentos se modificaram. A despeito de não atingirem a totalidade da população mundial, as mudanças são irreversíveis.

Apesar disso, o homem, capaz de invenções inimagináveis, permanece imutável no que diz respeito a sem-timentos. Amor, saudade, raiva, alegria, tristeza, fé, dúvida, etc, persistem no coração humano. Nesse sentido, a literatura em suas diversas possibilidades con-



solidifica-se como elemento de ligação entre passado-presente, velho-novo, transitando o inesgotável campo da palavra - falada, escrita, cantada.

Neste livro trazemos quatro visões diferentes de mundo. Quatro autores, dois homens, duas mulheres, de vidas bastante diferentes umas das outras, mas com um elemento em comum: a palavra, em verso ou prosa.

Catarse nos traz o "X" do mapa da ilha, a ser alcançado por caminhos diferentes, como se todos nós, de um modo particular, como o é a poesia, embora não tenhamos ainda aportado à nossa *Ítaca*, saibamos que jamais chegaríamos sem passarmos pela busca e descoberta de cada palavra, cada verso, cada ação ou sentimento possível após um ponto e vírgula.

Catarse traz a você, caro leitor, partes de nós, posto **sermos na busca** e a **palavra** nossa melhor possibilidade de encontro.

Esperamos assim, acender uma pequena chama que o leve não apenas à leitura acerca de nossas viagens, mas tomar o mapa para si, desenhar o próprio "X" e lançar-se ao mar-sem-fim das palavras antigas e por inventar. Catarse!

Sumário

AILA MAGALHÃES	7
GILLIARD SANTOS	25
PAULO BARROS.....	46
ROSA MORENA	67

AILA MAGALHÃES



De Fortaleza, Ce. Desde criança, lápis e papel frequentam suas horas de lazer, seja escrevendo, seja desenhando. Das Letras à Sociologia, da Geografia à Administração. Especialista em Administração e Avaliação Educacional e Mestre em Administração e Avaliação da Educação. Participou de diversas antologias poéticas como autora e organizadora. Atualmente cursa Artes Visuais em Universidade pública estadual.



Marinheira

Em minha pele,
cristais de sal recendem
um mar revolto,
desaguado da ponta de tua língua.

Por sobre ela, a pele, inteira,
gotas de marés,
saliva de peixe,
escamas incrustadas à moda incisiva de teus dentes.

Sem encanto ou canto,
ser areia,
seara,
sereia...
nadar ou morrer na praia,
é tudo quanto resta.



Devota

Pouco rezava
namorando atrás da igreja,
compensava.

sem ser santo,
era divino a cada beijo
e o “ai, meu deus!” já corriqueiro

menino bom, aquele
gostinho doce
na boca da noite

como fosse penitência,
mal tocava o sino, a ladainha começava
e o padre não sabia da missa um terço...



O melhor dos futuros

Um dia inteiro feito de bocas
que pouco digam,
e muito beijem.
Qual tela de Dali,
incompreensível e plena
absurda e santa...
relevar o tempo
persuadir a noite
a um minuto a mais
feito formiga de chuva,
em asas de um dia,
acordar com olhos de segredo...



Tango

Dois corpos, um só compasso...
Asas de salto alto,
Em *blacktie*...
Paixão ardente, indivisível, fulminante!
O vermelho e o negro
Remoendo a melodia
E a sedução escorrendo pelas costas
Pra repousar num par de meias pretas...
Trágica harmonia
Que seduz e mata
Bebo em tua taça
Danço em teu compasso
E vou morrer em teu abraço!



Quando já amanhecia

Dos jornais, rescende ainda o cheiro de tinta fresca.
- Ou seria sangue?
Não me recordo o dia.
Tinha cara de segunda,
Corpo de preguiça, olhos de sono,
Marcas de batom mal disfarçadas pela roupa.
Sim, bem poderia ser segunda-feira,
Daquelas quando qualquer um,
Sem eira e nem beira
Poderia adivinhar o grande final.
Sim, poderia ser qualquer dia,
Pois são iguais os dias de quem espera
Sem que dúvidas ou certezas atropellem o calendário.
Naquela manhã, chovesse ou fizesse sol,
Estaria ali novamente o vazio
Exceto por algumas moscas
infernizando as orelhas do cão.



Serenata

Pequenos sons escapulindo do silêncio
e uma brisa cuidadosa de quase-manhã
embalam com placidez as folhas úmidas de abril.
Olhos domingueiros, um tanto insones,
cumpliciam alguns segredos da longa noite de outono.
A fria e calma madrugada
acentua o contraste com o calor de beijos que sonhei.
Não muito longe, a vida, que não minha,
aconchega-se em lençóis brancos de cambraia,
de monogramas bordados em azul,
como um pequenino céu,
pousado ternamente sobre um abraço de amor.
Fecho a janela, descanso o olhar.
Na vitrola, a melodia acalenta um sonho bom.
Quem sabe um dia...



Legado

Carrego na alma, um quê de terra dos confins...
Da secura um tanto pedregosa,
que aproveita qualquer filete d'água
para saciar a sede de uma manhã,
um pé de algaroba que seja,
que esfrie o ardor que brota das ideias,
despiste o calor das seis às seis,
para então parir uns versos que vão
do azedo-tamarindo ao limão-galego ainda verde,
de sotaque um tanto matuto.
Vez por outra, no meio do caminho,
encontro um verso vermelho-siriguela,
afogueado, cheio de novidades, riscado no areal,
à sombra de um pé de juá,
que a despeito das línguas amargas,
deixa o sorriso lindo!



Variável

Não, não desejo abrir mão de minhas dúvidas,
não quero sol todos os dias,
nem chocolate todas as noites. Ou sexo.
Erra, redondamente, quem me esperar doçura, apenas.
Trago um pé de tamarindo bem plantado no peito,
regado por chuvas e marés,
que como eu, vão e voltam.
Gosto de voltar e para tanto, preciso ir.

Claro que tenho convicções, algumas até bem fortes.
Sou contra pena de morte,
Desprezo a inveja
Abomino armas.
Acredito no amor.
Todos carregam em si o bem e o mal.

Meu forte, contudo, são as dúvidas.
Haverá vida após a morte?
Quem sou eu?
Prosa ou verso?
Outono ou primavera?
Azul-turquesa ou Verde-água?
Agora ou nunca?



Choro fácil. Rio fácil.
Difícilmente esqueço, mas sou capaz de perdoar.
Sou gentil, mas viro bicho vez por outra.
Sou meio bicho, na verdade, mas só meio.

Tenho muitos sonhos,
Gosto de gente e também de estar a sós
Prefiro mar e campo,
Gosto de árvores e estrelas,
mas abduzida, ia querer voltar.

Não sei se sou feliz,
mas não acho que seja infeliz...
Então sigo cutucando a onça com vara curta,
mas não muito.
Deu pra entender?



Para Registro

Andei por aí reparando no charme
dos homens de cinquenta.
É bem verdade que já não vestem 42
e nem são mais convidados
para comerciais de shampoo,
mas há um quê absolutamente
encantador em tais criaturas.

Um ar mais grave no olhar, um sorriso comedido,
uma desfaçatez à qual escapa o leve tremor das mãos
frente ao inesperado.

Gosto de vê-los sonhar.

Quietos, parecem fazer planos, traçar estratégias
e sorriem de leve, enquanto intimamente gargalham
entre alegres e nervosos.

Agrada-me particularmente um homem de cinquenta,
ou de quarenta, ou de sessenta, aos cinquenta.

Ele conhece de velocidades, intensidades,
pressões e desfaleceres.

A palavra certa brinca por sua boca,
o silêncio aprendeu a cochilar em seus lábios
enquanto seus olhos dizem o que for preciso.

Atrai-me imensamente o andar tranquilo,



quase em passeio, sem pressa de amanhã,
sem saudades do ano passado.
Senhor absoluto de seu tempo.

É um prazer vê-lo escolher um vinho com a calma
de quem conhece o cheiro das uvas,
saborear um livro
como se revolvesse o mundo oculto em cada palavra,
sorver a melodia de cada nota, em alimento,
observar o mundo como obra em construção.

Infelizmente não são tantos os homens de cinquenta.
Felizes as mulheres que têm a sorte de cruzar com
algum deles na vida.
Se o dia for de sol, valerá a sombra de uma árvore,
uma água geladinha, o cheiro do mar...
mas se for chuva,
Ah! certamente gostarão de se molhar!



Catártica

Imagino-me urso pré-invernal, acumulando provisões de ideias e sensações, impressões que absolvo e com as quais sacio-me, queimo a língua e a ponta dos dedos, gelo o sangue e recolho a alma à calma do leito, que me conduz além do gozo de palavras esparramadas sob lençóis de linho, mantas de algodão tecidas há séculos de culturas extintas pelas tintas da intolerância.

Pouco sei além do que me dói nesse momento. Sou toda incerteza ao romper com estruturas assentadas sobre bases de papel *couche*. Deixo então que tombem os pilares para tornar-me dúvida, modelo, desavença.

Pressinto raios e terremotos abalando as verdades de minha carta dezesseis, tijolo por tijolo posto ao chão, em um eterno faz-desfaz-refaz. Mas não me canso, não desisto.

O futuro é todo incerto como também não me é certo este presente, sem garantia de um segundo além do momento em que a ideia fez-se fato.



Desejo então poder seguir os passos de quem quer que seja aonde quer que for, porque no fim das contas, todos os sujeitos continuam fora de lugar, e por também desejar-me sujeito, avanço na contramão, deixo-me afogar para quem quiser aproveitar o cais.

Quero dizer muito sem dizer tudo.

Voar numa palavra a-s-a,
Arder sob palavras-s-o-l,
Chorar com a palavra d-o-r,
Beijar uma palavra m-e-l,
Gozar com uma palavra c-i-o,
Partir em uma palavra c-é-u.

Depois, quem sabe, nascer baiana
de verso malemolente,
Saltar do oitavo andar sobre o dorso de um poeta.
Sobreviverei, é certo?
Não sei.
Quem sabe é Deus...
Ou não!



Migra

No breve caminhar que chamamos vida,
Seguimos mutantes:
Da célula ao ovo,
Ao corpo, à luz.
Do peito, ao mundo:
Parque de diversões, relógio de ponto,
claustro.
No mundo, aos outros,
Os tantos, os nada
Os aparentes e os tão diferentes!
No invisível que nos iguala,
A essência do segredo revelado:
Breve passagem.



Soberano

Foi preciso parar,
ignorar a primavera,
provar do amargo da fruta,
silenciar vozes da noite
e mergulhar em minha própria solidão...

Foi preciso ainda
Abrir mão de antigas certezas,
desejos recentes,
desafiar os medos,
perder o rumo,
reencontrar o sabor da busca...

Fez-se mais que necessário,
envelhecer,
e como pássaro, árvore ou cobra
acostumar-se às perdas - altura, casca, chão,
para somente assim aceitar
aquilo que o tempo,
pacientemente, alerta.



Quintessência

Por vezes
Perco-me de mim
Para encontrar em outras,
Muitas, tantas,
Amanheceres à Maria
Entardeceres de Joana,
E em plena madrugada,
Madalena nem um pouco arrependida.

Sem mérito ou culpa,
Mantenho o percurso,
O desejo de, quem sabe,
Conquistar o direito à identidade
Atemporal, amoral, incerto
Ou instável do não ser.



Identidade

São tantos os meus povos,
que não temo ir pelo mundo.
Habituei-me a ser ninguém.

Paradoxo

Com tanto céu por aí,
é justamente da janela
onde maior o tenho...

P r e g n â n c i a

onde quer que seja,
seja quando for,
eu, prenhe de ti.

GILLIARD SANTOS



Gilliard Santos nasceu em 04 de abril de 1988 e viveu toda sua infância e juventude no sertão de Madalena-CE. Em 2006 mudou-se para Fortaleza para estudar, tendo residido na histórica Casa do Estudante do Ceará. Atualmente é professor, com mestrado em Administração & Controladoria (UFC). Escreve poesia desde a adolescência, tendo uma produção que vai do poetriz ao cordel e do verso livre ao soneto. Em 2018, publicou o seu livro de estreia, intitulado *Introito Poético*. O autor ocupa a cadeira 27 da ABRASSO – Academia Brasileira de Sonetistas e é membro do grupo Fórum do Soneto.



Ode às rosas

Rosa do amor

Rosa vermelha

Rosa branca

Rosa amarela

Rosa rosa

Todas as rosas

Rosas femininas

Rosa Luxemburgo

Rosa Parks

Rosa da Fonseca

Rosas de luta

Precisamos de mais rosas no mundo!



Escapadela

Volta e meia saio à porta
Ou espio na janela
Depois vou dar uma volta
Uma breve escapadela
Nas trilhas do pensamento...
E neste meu passatempo
Eu caminho mundo afora
Adentrando pelos becos
E pelas ruas da vida...

Nessas criações da mente
Passeio por paraísos
Vejo vultos imprecisos
Eu fico maravilhado...
Mas logo dou meia volta
Volto pra realidade
Esta que, a bem da verdade,
(Pelo menos por enquanto)
É demasiado feia!



A princesa moderna

Não precisa morar em castelos
Usa vestidos - ou não!
E se optar por usá-los
Eles podem ser rosas, azuis, amarelos...
Ou a cor que preferir...

Ela pode querer casar – ou não!
Ela pode querer ter filhos – ou não!
Ela é livre e, portanto,
Faz o que lhe der na telha!



Necessariamente

Minha poesia não é bem-vinda aos grandes centros
Minha poesia não está exposta
Na vitrine dos grandes *shoppings*
Não é correta, branca, nem suave
Minha poesia não é lavada e passada
Minha poesia não é limpinha e cheirosa
Não é arrumada nem disposta em tons combinados

Minha poesia é disforme
Minha poesia é bruta
Tal como vem de dentro da alma
Minha poesia deixa um acre sabor na boca
Vez por outra embola o estômago
E causa incômodo
Minha poesia é necessária!



De alma pra alma

ele entrou na padaria
para comprar um petisco qualquer
e eu estava sentada
 desajeitada
 de maquiagem borrada

eu estava distraída
 e ele entrou de repente
 sem pedir licença
 na minha vida.

 foi sem anúncio oficial
sem divulgação na mídia
sem postagem no *Facebook*
sem *stories* no *Instagram*

tudo ocorreu sem alarde
e quando vi já era tarde

 ele me olhou!
foi uma troca de olhares profundos
mil palavras não seriam suficientes
para dar o mesmo recado



e sua mensagem era forte
 dessas que entram sem bater na porta
 dessas mensagens que invadem a aorta
e vão bater direto no coração!
 uma mensagem de alma pra alma.



Balanço Sentimental

Ativo

Em contabilidade
O balanço patrimonial de uma empresa
Representa um momento estático
Resultado do processo de suas operações
A sua estrutura de ativos e passivos
Naquele exato momento...
Se for analisado no dia seguinte
Aquele balanço, de maneira rigorosa,
Já está um tanto desatualizado
Talvez já não represente a realidade...

Passivo

Em poesia
Um poema é como um balanço sentimental
Representa um momento estático
Representa a situação pontual do poeta
Resultado do conflito de tantas emoções
Naquele exato momento...
Se for analisado no momento seguinte
Aquele poema, de maneira rigorosa,
Já está um tanto desatualizado
Talvez já não represente a realidade...



Aquelas máscaras

Nas ruas
Na farmácia
No supermercado
Em todos os lugares

Havia algo diferente
Eu observava bastante as pessoas
E algumas delas me devolviam o olhar
Essas pessoas me olhavam
De um jeito estranho...

Elas usavam máscaras
Todas usavam algum tipo de máscara
E, ainda que eu me esforçasse,
Eu não conseguia enxergar
O que havia por trás
Não podia ver como elas realmente eram...

Por um tempo pensei...
Pensei muito!
Depois eu compreendi.

Aquelas máscaras eram uma forma de defesa
Elas eram a melhor proteção que tinham.



Manhã de domingo

Domingo de manhã, lá fora o inverno
Faz seu papel enquanto a estúpida horda
De bêbados e vândalos acorda
A rua com seu “hit” mais moderno.

Cá dentro, neste meu refúgio interno,
Eu armo a rede, amarro-a numa corda,
Relembro a namorada... O amor transborda
E o ponho em prosa ou verso em meu caderno.

Esqueço o frio e o som... Lembro a fragrância
Da amada, o abraço, os beijos, seu calor...
Saudade é o que me vem por circunstância.

Mas doravante, seja como for,
Porque apesar de toda essa distância
Será mais forte ainda o meu amor.



De volta ao meu sertão

À tarde, no terreiro, escuto um cão, que late...
Parado aqui observo o tom da mata, calma,
Que em brisa chega a mim e me formata a alma.
Tão belo é meu sertão! Não há quem não constate,

Repare o quanto é bom. O coração já bate
Mais forte. A chuva vem, como constata a palma,
A mão aberta... e o cheiro, então, delata, e acalma...
Aqui sou mais feliz, nesta missão de vate.

Avisto a instalação junto a um curral de ovelhas
E o natural jardim. Depois adentro em casa.
Eu sinto enorme paz! E nostalgia, em parte...

A chuva grossa faz um musical nas telhas.
No fogo aceso, à lenha, a espiga dentro, a brasa
Trabalha. O meu sertão é poesia... é arte!



O melhor do Nordeste é o nordestino

Hoje quero anunciar
Norte a sul e leste a oeste
A grande diversidade
E de maneira inconteste
Eu destaco os artistas
E os demais protagonistas
Desta região Nordeste.

Começando pela música:
O forró e o baião
São estilos consagrados
Pelo rei, o Gonzagão,
Que se notabilizou
E que popularizou
Essa nossa expressão.

Porém isso não é tudo
Pois é vasto o repertório
Reggae, frevo e axé...
Todos sabem, é notório
Que na arte e na cultura
Predominam a fartura
Deste nosso território.



Aqui tem Zeca Baleiro
E também Flávio José
Dominginhos, Zé Ramalho,
Chico César e Tom Zé
Tem Lenine, Caetano
Mas ainda nesse plano
Temos Geraldo Vandré.

Também cito Belchior
E no time feminino
Amelinha e Bethânia
Têm um talento tão fino
Alcione, Elba, Ivete...
Cada uma, então, reflete
O vigor do nordestino.

Temos grandes escritores
E podemos destacar
João Cabral de Melo Neto
E José de Alencar
Mas também é adequado
Relembrar de Jorge Amado
E de Ferreira Gullar.



Lembremos Gonçalves Dias
E aqui quero fazer
Homenagem à Rachel
De Queiroz e pra dizer
De maneira oportuna
Ariano Suassuna
Eu não posso esquecer...

Eu reservo esta estrofe
De maneira exclusiva
Para honrar um poeta
De obra tão expressiva...
Um poeta popular,
Pois eu quero destacar
Nosso ilustre Patativa!

Mas não são só os famosos
Vistos na televisão
Que recebem o destaque
E também nossa atenção...
Cada cidadão comum
Mesmo sem ter luxo algum
Já merece uma menção.



Eu destaco o homem simples
Que dedica o ano inteiro
Trabalhando dia e noite
No ofício de vaqueiro
E daquele agricultor
Mas também do zelador
Do servente e do pedreiro.

Nas nossas dificuldades
Lutamos contra o destino
E quem nasce no sertão
É forte desde menino
Pois com sangue e suor
Todos sabem que o melhor
Do Nordeste é o nordestino!



Galope à beira mar

Eu trago a mensagem por meio do verso
E canto a esperança de um tempo a porvir
Que todos possamos então resistir,
Vencer o momento que é tão adverso
No qual esse vírus cruel e perverso
Invade a cidade e nos quer molestar
Que tudo consiga se recuperar
Com todos saudáveis de corpo e de mente
Que em breve possamos estar novamente
Cantando galopes na beira do mar

Que a nossa ciência nos traga a vacina
Que juntos possamos nos desenvolver
Que as dificuldades nos façam crescer
E com nossa garra sigamos a sina
Deixemos passar essa densa neblina
Que o sol da esperança logo há de brilhar
Estou ansioso pra isso acabar
E em breve abraçar os amigos distantes
Pois juntos seremos mais fortes que antes
Cantando galopes na beira do mar

Vida



A vida
A vida ávida
Ávida por ser vivida...

A vida
A vida havida
Havida em cada vão momento...

A vida devida
A vida vivida
Devidamente
Intensamente

Vida louca
Vida!

A vida vivida
A vida vívida
A vida atrevida

A vida vivida
Com calma
Com alma
Calmamente
Corpo e mente



Gente!

Há vida

Nas vilas

Nas vidas

Perdidas

Nas valas

Há vida

Na vida

Dos desvalidos...

Mulheres da vida

Vida das mulheres!

Ah, vida...

Há vida

Em cada esquina

Em cada corpo

Que dorme!

No chão

Sem pão

Há vida

Nas vidas

Que ninguém vê!



Em tempos de pandemia

Máscaras
Mascaram
Más caras

Cidade vazia

Cinematográfica cena
Solitários às janelas
Na quarentena

Encarando a dura realidade que nos rodeia

Analgésicos
Antibióticos
Poemas

Meio-termo

Entre realidade e fantasia...
Uma esperança:
Poesia



Depois da tempestade

É manhã e a maré está mais mansa
Já não há mais motivos para o medo
Olhemos mais pro verde do arvoredo;
Sintamos mais a brisa da esperança...

Imitemos o olhar de uma criança,
Pois cabe a nós mudarmos esse enredo.
Temos nas mãos a chave do segredo;
Temos nas mãos a chance da mudança.

É hora de trocarmos a retórica;
O que hoje vemos é virada histórica
E eis um caminho novo pra trilhar.

Vejamos o que importa de verdade,
Porque depois de toda tempestade
O sol, mais vivo, nasce pra brilhar.



Moça do fado

A moça vai tecendo o seu viver
Enquanto os galos tecem a manhã.
Na boca, o seu chiclete de hortelã;
Na bolsa, um troco em troca de prazer.

Costura o seu destino sem saber
O que a reserva o dia de amanhã.
Por hoje, quase ao fim do seu afã,
Não tem mais tantas coisas a perder.

Trajando uma existência dolorida
Bem cedo se tornou mulher da vida,
Brilhando entre os ditames da indecência...

A aurora descortina um novo dia
E enquanto a moça observa a hipocrisia,
Relembra os tempos bons da adolescência.

PAULO BARROS



Mestre em História, doutorando em Educação,
professor, escritor e pesquisador na área de educação,
interculturalidade e espiritualidade.
Tem trabalhos publicados sobre História,
Educação e Poesia.



O Homem da Terra

(Pro Seu Zezito, *in memoriam*)

Foi meu pai, um sertanejo, quem me deu as primeiras aulas práticas de amor e respeito pela natureza e pelos bichos. Também foi ele, com as suas atitudes e história de vida, quem me ensinou a capacidade de adaptar-me a situações adversas, típicas do sertão nordestino nos anos 1960 e 1970: pobreza, exclusão social, estiagens...

Ele tinha muitas virtudes: amor à natureza, honestidade nas interações, disciplina no uso do tempo.... Mas tinha lá as suas rudezas e sua didática sertaneja para educar. Lia quase nada; fazia umas continhas. Não era avesso à escola, mas ao contrário de minha mãe, que queria ver os filhos todos estudando, ele preferia vê-los com enxadas, foices e machados lidando com a terra, com os bichos. Para ele, ler e escrever algo já era o suficiente. Os filhos mais velhos já sabiam ler textos simples, fazer continhas.

Ela sempre acordava cedo, pelas quatro horas da manhã: o banho, o café, o trabalho, cuidar dos bichos. Não largou esse hábito mesmo quando já velho.



Acordado cedo era uma de suas virtudes. Isso justificava sua difamação à preguiça.

Era um problema para nós, crianças: o barulho cotidiano no “meio da noite”, as reclamações àqueles de nós que insistíamos em dormir depois das seis horas.

— Acordem! Os passarinhos não devem nada a ninguém e já estão voando. Repetia esse mantra quase cotidianamente.

Acordávamos subitamente, mas logo voltávamos a dormir, aconchegados pela rede, até que ouvíamos mais forte, dessa vez agitando os punhos de nossas redes: — Acordem!

A tensão em saber que uma terceira chamada, mais brusca e definitiva, logo viria; o sol espalhando sua claridade incontrolável que entrava por todas as portas e janelas já abertas e as responsabilidades que já tínhamos, nos obrigavam a abandonar a rede.

Andávamos por aquele sertão longas caminhadas para atividades corriqueiras: ir à escola, à bodega, à pequena plantação de feijão e milho (quando era época de chuva) que meu pai tinha como meeiro em terras de



conhecidos seus e outras próximas de casa: a pequena plantação no quintal e puxar água do subsolo com uma bomba d'água para abastecer cotidianamente os potes, para o banho, para as cabras e ovelhas ou coletar algum alimento para uma vintena desses bichos que meu pai criava, quando escasseava severamente o pasto.

Em um daqueles dias da nossa infância, um verão escasso de água e comida para os bichos, depois do café, meu pai chamou a mim e ao meu irmão.

— Peguem as varas e vão até à quixabeira com os bichos.

Era uma dessas atividades de gente grande. Eu e meu irmão talvez tivéssemos 10 e 8 anos. Alimentar os bichos era uma incumbência agradável, mas dura para crianças.

Era já novembro ou dezembro. Quiçá estivéssemos de férias da escolinha. A paisagem do sertão tornara-se seca, cinza, monótona, mais quente. Exceto as carnaubeiras (eram bastante), os raros juazeiros, quixabeiras e um pouco mais de xique-xiques e mandacarus que conservavam o verde,



tudo era árido, quase sem vida. Uma paisagem ensolarada, rala, escassa de alimento.

Sabíamos o caminho. As cabras e as ovelhas também. Caminhávamos puxando as varas que deixavam riscos no chão, seguidos por uma fila de caprinos e ovinos. Às vezes eu parava e apreciava a fila de bichos serpenteando, ditados pelo nosso ritmo, seguindo os riscos das varas.

Sentia-me importante por fazer aquela atividade, embora um pouco forte para uma criança.

Às vezes eu me perguntava: — As cabras e as ovelhas gostam de mim por levá-las para comer? Sentia que sim.

— Nosso pai se sentiria orgulhoso de nós por fazermos aquela atividade dura e bonita?

Ele jamais nos disse. Porém, sentia que sim.

Eu amava aqueles bichos domésticos. Tínhamos ainda as galinhas, o cachorro e o gato. Mas sabia que as cabras e as ovelhas necessitavam mais de nosso cuidado



no tempo de estio. Eu observava muitas virtudes nelas: a calma e a delicadeza das ovelhas; a coragem e o bom humor das cabras. Imaginação de criança!

Bem, tínhamos outras formas de saciar a fome dos bichos: coletar carnaúbas, ramos do jucazeiro (outra árvore que se conservava verde no meio da caatinga), e galhos de mandacaru e xique-xique. Essas atividades mais duras que exigiam ferramentas como foices, facões e machados, fazíamos como coadjuvantes do nosso pai.

Ele, sempre exigente. Queria que fôssemos um sertanejo como ele. Eu, não falava para ele, mas já havia feito a minha opção pela escola, pelos livros, queria ser professor...

Ele não tinha essa experiência. Estudara quase nada. Seus valores eram o cultivo da terra, o cuidar dos bichos, o trabalho duro e honesto, o ensinar pelo exemplo.

Sim, ele ensinou pelo exemplo.

Foi um grande educador.



Suas atitudes, exigências e rudezas, nos deram as primeiras lições de honestidade, esperança e coragem. Sua relação com a terra, com os bichos, o conhecimento acurado da fauna e flora sertanejas, sua criatividade para conviver com a seca e com a chuva, deram-nos lições de amor, de respeito, de cuidado e de gratidão pela natureza.

Nosso pai, que nunca estudara em uma escola, foi nosso primeiro professor!



Mátria

(Pra Aila e Jorge)

Minha boa palavra é minha arma de todo dia.

Ela é forte,

branda,

prosa e poesia.

Minha palavra livre é antítese

de medo,

de raiva,

de covardia.

Minha inquieta palavra se tece de razões,

virtudes,

emoções.

Ela advém da alma,

compõe-se de sonhos,

de esperanças.

Minha palavra diversa reverbera

aos homens, às mulheres com suas diferentes

polifonias,

ideias,

alegrias.

Ela é respeitosa por tudo que é vida.

Minha palavra esperançosa tem fé

na história como um porto seguro,



nos resquícios de futuro,
nos fragmentos sólidos do presente.
Ela é bússola para qualquer estrada,
para seguir viagem,
para um horizonte feliz.
Minha boa palavra é zen,
é síncri-se à tirania,
ao ódio,
à injustiça.
Ela se faz de pensamentos para o bem,
é quimera,
é história,
é sincera.
Minha palavra generosa e alegre ecoa
nas florestas,
nas cidades,
nas escolas...
Ela repercute
como alegria de meninos,
liberdade de passarinhos,
teimosia de sonhador.
Minha palavra intrépida não semeia
o medo,
o desamor e a raiva
que abraçaram meu país.



Amigo dos bichos

Desde criança sou amigo das cigarras,
borboletas, gatos, bem-te-vis....
Aprendi a usar os meus sentidos com os bichos.
Escutar os sapos, os silêncios, os lapsos, o cata-vento...
Gostar de cheiros simples:
flor de laranjeira, terra, alecrim, manga, vento...
Enxergar coisas como trilhas de formigas,
ninhos de sabiás,
o quintal e o telhado de cima de uma mangueira.
Degustar árvores, mel, liberdade e tempo.
Sentir cheiro de solidão e de sol,
hortelã e romã, caju e sanhaçu....
Os bichos exercitaram meus membros para andar,
voar e pensar com as árvores, com o céu azul,
com noites de lua, só.
Deram-me a habilidade de rastejar
entre o invisível canto das aves noturnas e dos grilos;
os medos da noite e os encantos da chuva.
Os bichos me adestraram
a voar sobre árvores, campos, rios...
Por isso quis ser livre,
inventei de querer saber do mundo.



Quizá o melhor aprendizado com eles
tenha sido o da imaginação.

Continuo a imaginar coisas como:
ser feliz, voar pro sol,
iluminar o mundo de verde e paz,
pintar o dia de amarelo e azul
e respirar a flor do jasmim,
que ainda mora em mim.



Atento

Age!

Vai à rua, ao mundo, talvez à lua, caminha.

Vocifera algo contra o fogo da raiva, da intolerância,
da violência.

Fica em silêncio, que seja.

Mas usa a mente.

Pensa, emana algo de paz e serenidade
contra a bestialidade do racismo,
do autoritarismo,
do egoísmo.

Se te calas, não te condeno.

Pelo menos observa teus pensamentos, palavras e atos,
para que não ateies tuas labaredas
sobre aqueles que portam vozes de inclusão,
sorrisos de liberdade, gritos de vida,
abraços de alteridade.



Intertranscultural

Seu etnocentrismo é monótono,
incolor, intolerante, perigoso.

Veja, o mundo é multicultural,
polifônico, intercultural, alteridade,
intertranscultural.

Pense *glocalmente*

e deixe seu coração pulsar
nos ritmos dos desejos do mundo: paz, amor, respeito.

Pense irmanadamente

e deixe seus sentidos emanarem os tons da beleza do
mundo: preto, branco, vermelho, amarelo.

Pense espiritualmente

e deixe sua alma colorir-se de todos os matizes
das virtudes da semente
e da força das raízes
da árvore diversa da humanidade.



Senhores do futuro

Estamos no futuro, desconfinados.
Somos mais nós, menos eus.
Menos peso, mais alados.
Mais claros, menos breus.

Estamos no futuro pós confinamento.
Somos menos corpo, mais alma.
Menos rudeza, mais contentamento.
Menos tensão, mais calma.

Estamos no futuro, sem quarentena.
Somos menos ego, mais gratidão.
Mais aliança, menos contenda.
Menos intelecto, mais coração.

Estamos no futuro, determinados, em liberdade.
Cuidamos mais do semelhante, fauna e flora.
Praticamos mais o respeito, a paz, a solidariedade.
Somos senhores da nossa mudança, uno e todo.
Agora!



Tons de vida

(Pro Francis)

Um dom de alegria,
um tom lilás-jacarandá,
um som da manhã,
um tom cor de sol
pra nos ofertar.

Um dom de esperança,
um tom amarelo-ipê,
um som luz do dia,
um tom brisa e flor
pra nos irmanar.

Um dom de amor,
um tom flor de caju,
um som céu azul,
um tom de mãe e pai,
pra nos divinizar.



Anjo hindu-quixotesco

(Pro Adalberto)

Naqueles dias de quarentena
ele desenhara um dúbio autorretrato.
Um dia era anjo quixotesco, andarilho, a esmo.
Na companhia de sua feraz imaginação,
combatia suas sombras, em formato de nuvens,
sonhos, passado, futuro.
Noutro dia, um elefante-deus que tentava
remover seus próprios obstáculos,
emergir sua sabedoria,
sentado em lótus, com sorriso yogui,
em busca de sua eternidade.
Foram muitos sois a decifrar nuvens:
rostos, mapas, passarinhos, meninos, utopias.
A brincar com pássaros metálicos que cruzavam o céu,
rasgando nuvens, formando nuvens.
Foram algumas luas a invocar o sol dourado,
o céu azul, um arco-íris,
as brancas nuvens da próxima manhã.
Inspirações para a sua janela, sua mente, sua tela.
Onde continuava a pintar ambíguos autorretratos.



O céu e o rio

Juntei sons de pensamentos,
água, passarinhos, insetos e vento
e compus minha quietude,
entre o céu e um rio
que se desfaziam dos reflexos solares
e abraçavam as estrelas.
Pensei nos segredos das constelações, da solitude
e da alegria dos bichos que evocavam a noite.
Enquanto tentava esquecer os pensamentos,
os desejos e a mim mesmo,
eu e o rio fluíamos serenamente para o oceano.



Bonito

Teus indícios, silêncios,
e interstícios ataçam os meus sentidos
e acalmam minha mente.
Eu me encanto com teu cheiro de mato,
teu sabor de fruta silvestre,
teu chão, firmeza pros meus pés,
teus cantos de passarinhos,
tuas pegadas de bichos,
teus regatos que me abraçam
e correm comigo,
coloridos de peixes,
raízes,
pedras,
areia e raios de sol,
para o mar.



Caminante

(Pra Valdelice & Camel)

Caminante, hay caminos.
Hay caminos en los sueños,
en las sendas que se cruzan,
en los pensamientos que se mutan.
Caminante, hay caminos.
"Se hace camino al andar".
Caminos del pasado,
caminos al futuro,
caminos de Machado.
Caminante, hay caminos.
Toma el sol como brújula
y continúa tu marcha,
hacia tus sueños dorados.



Cronos

O tempo parece mesmo
um drama fixo,
imutável, vivo.
Uma engrenagem
previamente desenhada
que a fazemos girar,
revelar-se
e ensinar-nos sobre o eterno,
o dialético,
o destino,
o arbítrio.



You

In my intellect there are diamonds
shinning for you.

In my mind there is the quietness
of peace and hope because of you.

In my unconscious there are glimpses of suns and
moons

I have been discovering with you.

In my heart there are dreams of a child
who belongs to you.

In my smile I bring contentment and silence
when I pause to meet you.

In my eyes there is joy and calmness
when I have a glimpse of my future,
of being close to you.

ROSA MORENA



Rosa Morena nasceu em Itapipoca (CE). Graduada em Pedagogia. Em 2014 foi premiada com o livro *Jaci, a filha da lua*, no Edital Paic, Prosa e Poesia. Em 2015 lançou *Movimentos Intransitivo*. Recebeu Menção Honrosa no XVIII Prêmio Estadual Ideal Clube (2015) e no Prêmio Carlos Drummond de Andrade, em Brasília-DF (2017). Em 2018 lançou o livro *Micropoemas* e teve o livro *Pedro, o menino do mar* selecionado no Edital MAIS PAIC. Em 2016 e 2018, foi selecionada no Concurso de *Poemas no Ônibus e no Trem*, da cidade de Porto Alegre-RS. Em 2019 recebeu o 1º lugar no XXI Prêmio Ideal Clube de Literatura - Prêmio José Telles - gênero Conto. Ainda em 2019, foi selecionada em trabalhos inéditos, contos, no Prêmio de Literatura Unifor e lançou *A menina e a garça*.



Pequenas Ausências

A casa é pequena, sem quintal e sem janelas no quarto.
O gato sente falta do jardim e das janelas.

Esse parece o nosso segredo: sentir falta. Os
pensamentos do gato, assim como os meus, são
memórias. Tínhamos amigos e casa grande com jardim.
Agora temos o rosto triste.

O telhado já não agrada ao gato. Penso que o gato
poderia aproveitar o luar de cima do telhado. Ele torce
o nariz, quase zangado. Mas ficamos em casa. Ele
dormindo no sofá e eu lendo romance.

Nenhuma visita para nos importunar. Às vezes, vejo
passar o vizinho que penetra o seu olhar pela porta
aberta. O gato se incomoda e fecho a porta.

Estamos sozinhos, o gato e eu.



Tempos plúmbeos

Tenho rugas no rosto e lapsos de memória. Ontem a televisão ficou ligada, acordei com o jornal espalhando sangue no meu ouvido. Mortes à bala, asfalto sujo. Soube que o poeta morreu na madrugada. Fui tomada de assalto.

Do meu quarto, sinto cheiro de café e ouço a mesa sendo posta. A colher cai e vai para a pia, destino interrompido. O poeta está morto, eu sei. O pão está quentinho.

Fecho a televisão e ligo o chuveiro. A água fria contrai meus poros. Estou sozinha no banheiro, e a pele reclama.

Sozinha com meus botões, modo novo de sair à rua.

O café está na mesa, pressinto. Agilizo meus afazeres.

A colher teve o destino interrompido. O vizinho arrumou a mochila e partiu. Não tenho nada com isso, mas a tarde ficou amarela.

O poeta morreu. Sinto dor. A calça está apertada, será que estou mais gorda?



A morte nossa de cada dia

Morri na madrugada. Sem remorso. Simplesmente morri. Sou ainda virgem nos primeiros pecados. Vou caminhar reconhecendo os cheiros da minha rua. Olhar os vizinhos com uma emoção primeira. Eles pensarão que sou a mesma. Não perceberão que sou uma outra, e os vejo de maneira diferente. Suportarei melhor a voz do verdureiro, áspera e aguda, com seu carrinho barulhento. Retirarei o lixo da calçada em quase felicidade. Ouvirei minha amiga ao telefone e imaginarei suas lágrimas sem fazer doer meu coração. Farei meu batizado em frente ao mar. Provarei as ondas e saberei me despedir do pôr do sol, sem protestar.



Fastios

Estou a um canto.

Procuro resposta para a minha falta de apetite e a fadiga que me circunda.

No domingo não fui ao cinema.

Na terça estive distante dos livros. Sim, mesmo Clarice.

Fiquei sem vontade de sorrir para a manhã que me acordou silente.

A voz do vizinho brincando com o seu cachorro não me despertou emoção.

“O que houve?”, você pergunta.

- Nada!

Você não insiste.



Refém

O gato sumiu. Desaparece três vezes por semana.
Quando volta, não dá satisfação.

Procura sua comida, mergulha a língua na água, sobe no sofá, assiste televisão e quando reparo, está dormindo.

Amanhã é quinta-feira, talvez não saia. Tenho quase uma felicidade. Ele estará em casa.



Não interrompa o meu silêncio

Não diga nada, já é tarde
Não dormirei agora, estou acordada
como a madrugada a contemplar o silêncio
Sofro as suas últimas palavras
O luar se esconde por entre as dores
Não diga nada, já é tarde
Uma lágrima repousa em meus olhos nublados
Vazios perambulam
Não diga nada, já é tarde!



Estranhíssimo

Um dia desses, ele chegou sem que eu soubesse o número da sua camiseta, sem que eu soubesse o último livro que havia lido, sem que eu soubesse o seu filme favorito, e arrancou sorrisos meus. Estranhíssimo.

Um dia desses, ele quis encomprar os galanteios. Passou a acordar junto ao meu corpo, trocar confissões na sutileza de sussurros, me causar arrepios. Estranhíssimo.

Um dia desses, ele resolveu partir. Já conhecia o chiclete que ele gostava, o tempo que demorava fazendo barba, o intocável da sua orelha direita, o autor que lhe que lhe causava emoção. Estranhíssimo.

Um dia desses, o vi na rua com uma mulher ruiva, cabelos compridos, olhos de amêndoas. Tinha um sorriso largo. Estranhíssimo.



Resistência

Meus olhos dormem sobre as páginas amarelas do livro *26 Poetas Hoje*. Minha alma quer devorar os poemas, mas já é tarde. De olhos fechados ouço a voz de Chacal: “como é bom ser um camaleão e ficar em cima de uma pedra espiando o mundo.”

Insisto em Ana Cesar, está deprimida pelo encontro que não houve. Também. Tento Torquato Neto, em vão, não entendo mais nada. Estou esgotada pelo peso das horas.

Os discursos me aborreceram. Talvez. Não ouvi minha música predileta, o motorista mudou de estação. Aborreci-me com o dentista, machucou minha língua.

Os vizinhos em suas discussões intermináveis me enfadam. Vou dormir, como diz Flavio Aguiar: “Às vezes é preciso abandonar o barco.” Amanhã leio Cacaso, sem exaustão. Talvez.



Flerte

Estava sempre de blusa estampada. Tons vermelhos brincavam com o meu prazer. Era sempre no final da tarde que o esperava, sem tranquilidade e sem me entreter em conversas.

Quando passava, examinava o meu jeito de sentar na calçada. Ele tinha um olhar curioso e um sorriso farto. Seus lábios me desafiavam. Estávamos sempre a nos pretender. Assim eram as tardes, a nos pretender.



Poesia de final de tarde

Recolhia seus pedaços entre multidões

Assistia o cair da tarde sem levar os sonhos nas mãos

Cresceu com seus silêncios e invernos na pele.



Intimidade

Delicadamente beijei o teu desespero
umidade da
língua
sobre a tua
escuridão.



Em precisão de beleza

Vejo a noite estrelada de Van Gogh. Há beleza nos meus olhos, ainda. Ontem tive medo. Antes tinha medo do escuro. Parece tão simples agora. Careço do azul que há pouco se espalhava em minha retina.

O presente tem gosto de lágrimas e até os viadutos parecem solitários. As flores não se deram conta, nem os sinos que anunciaram as mortes. A cada dia somos menos um, menos dois, menos três e outras tantas faces.

Como seria essa noite no pincel de Van Gogh? Como capturaria a aspereza do silêncio e do medo percorrendo o vazio das ruas? Veria estrelas?

Não há algazarra de crianças na rua, tampouco pipas alcançando as nuvens. Paralisaram como o vento sobre as árvores. Desejo uma praça e gente conversando, desejo pipoqueiros e barulhos de fogos de artifícios, mas nada se move. Tocaria um pedaço de esperança, como toquei as estrelas de Van Gogh.

O último abraço, o último sorriso, ainda lembro.



Memória da pele

Entro em contato com o solo fértil que, desde ontem,
habita dentro de mim.

Fragmentos de tudo que amo em você.

Olhar, palavra, silêncio, melancolia, oceano.



Quando o verbo é silêncio

A despedida é a memória ferida

E sou menos nessa tarde que cai

Ausências avolumam o vazio e as palavras não estão nas prateleiras.

CONTATOS

Aila Magalhães

e-mail: hailamag@yahoo.com.br

Gilliard Santos

Instragram: @gilliardsantos47

e-mail: gilliardsantos47@yahoo.com.br

Paulo Barros

e-mail: paulosrgbarros@gmail.com

blog: paulosbarros.blogspot.com

Rosa Morena

e-mail: rosa_mariasousa@hotmail.com

site: www.rosamorenaescritora.com

"Este livro foi produzido durante a pandemia de coronavírus, que até a data de sua conclusão havia afetado mais de nove milhões de pessoas e provocado mais de 220 mil mortes no país."

